

Crise atual é maior do que a de 1929

SIMON WIDMAN
Da Sucursal

São Paulo — Os reflexos de uma possível crise econômica de proporções internacionais no sistema financeiro brasileiro vão variar de acordo com os mecanismos de defesa que o Governo adotar durante o período de tempestade. No entender de analistas de mercado e do professor Wilson Cano, da Faculdade de Economia da Unicamp, a realidade econômica atual guarda poucas semelhanças com a de 1929 e, por isso, não pode ser tomada como referência.

Henry Gonzales, analista da Bolsa Mercantil e de Futuro, lembra que as repercussões da última crise mundial no Brasil — e particularmente na Bolsa de Valores — acabaram sendo favoráveis. No Brasil, o início dos anos 30 foi de elevada especulação com ativos reais", recorda. Mas simplesmente transportar aquela experiência sem levar em conta as alterações de conjuntura levaria, fatalmente, a um erro de projeção.

O professor de Economia Brasileira da Unicamp, Wilson Cano, destaca algumas das mudanças mais importantes. Naquela época, o nível de internacionalização da economia brasileira praticamente se reduzia à exportação de café. Na indústria ela era de uma proporção desprezível. Hoje, o envolvimento econômico do País no contexto mundial é infinitamente maior. "Naquela época, a proteção da economia cafeeira possibilitou mecanismos internos de defesa, mas hoje a pauta diversificada de exportações vai provocar, no caso de nova crise, uma inter-

rupção do fluxo de exportações", prevê o professor Wilson.

A consequência imediata seria uma queda drástica da produção, já que em diversos setores o mercado externo tem servido como uma espécie de "tábua da salvação" para compensar a retração do mercado interno. As consequências sociais disso são facilmente previsíveis. No mercado financeiro, analisa o professor Wilson Cano, aumentará sensivelmente o número de falências e concordatas, com inevitáveis reflexos no sistema financeiro.

Também o mercado de ações deverá ser diretamente atingido, por um motivo simples: com a rentabilidade das empresas prejudicada, dificilmente os investidores se arriscariam no mercado de capitais. Pode-se então detonar uma reação em cadeia. Sem essa possibilidade de captação de recursos, as empresas de capital aberto encontrariam maiores dificuldades ainda de se ajustarem à crise.

O professor Wilson Cano não acredita, porém, que os eventuais reflexos na Bolsa de Valores vão agravar a crise pois, explica, "sua participação é muito pequena na economia". Ele, ao mesmo tempo, destaca o que talvez seja a única consequência positiva da crise. "Com tais efeitos danosos, como o desabastecimento e a redução drástica das exportações, possivelmente a questão da dívida externa ficaria provisoriamente engavetada". Se isso for acontecer, para o professor de economia poderá sobrar um pouco de oxigênio no sistema financeiro "como resultado da interrupção do fluxo de recursos para o exterior".